

Especialista questiona "ascensão" de bancos brasileiros em ranking

A crise global colocou os bancos brasileiros em destaque nos rankings internacionais de lucro, rentabilidade e valor de mercado. Mas, o professor Alexandre Assaf Neto, do **Instituto Assaf**, que faz análises financeiras e econômicas, alerta que os bancos brasileiros ganharam destaque por motivos equivocados.

O fato de serem pouco alavancados, por exemplo, elogiado por analistas em contraposição à política de assumir riscos exagerados dos bancos americanos, é consequência de uma distorção do mercado brasileiro, diz Assaf Neto. "Os bancos brasileiros parecem conservadores porque o juro alto lhes permite ganhar dinheiro aplicando em títulos públicos. Mas, é uma característica de banco ganhar com a alavancagem", afirmou.

Para ele, a política de juro elevado é fruto de um "período irregular" da economia; e os bancos não devem montar sua estratégia com base em uma situação de "desequilíbrio". "Distorções do mercado validaram políticas erradas. O que era nosso patinho feio virou mérito. Mas isso é fruto de um período irregular", acrescentou.

Estudo feito por Assaf Neto com base no balanço dos três maiores bancos brasileiros - Itaú Unibanco, Banco do Brasil e Bradesco - mostra baixa participação do crédito nos ativos totais, apesar do forte crescimento das carteiras em 2008.

O BB é o banco mais alavancado dos três, com ativos totais 16,4 vezes maiores do que o patrimônio líquido. No Bradesco, o índice é de 13,5 vezes; e no Itaú, de 9,9 vezes.

O crescimento médio do crédito nos três bancos foi de 27,9% em 2008. A maior carteira é a do BB, com R\$ 166,3 bilhões; Itaú Unibanco e Bradesco têm carteiras exatamente iguais, de R\$ 133,4 bilhões cada. Ainda assim, a carteira de crédito representou na média 34,4% dos ativos totais, oscilando de 30,4% no caso do Bradesco a 37,4% no do BB. Em outras palavras, para cada R\$ 100,00 investidos, R\$ 34,40 estão aplicados em crédito, "atividade básica do negócio". Para o professor, quando os juros caírem mais, os bancos terão que dar mais crédito para ter lucro.

Os bancos brasileiros também apresentaram elevada rentabilidade em relação ao patrimônio líquido. Em levantamento feito pela Economatica, eles mostraram os maiores retornos entre instituições das Américas no balanço de 2008. O líder da região é o BB, com retorno sobre o patrimônio de 32,5% (32,4%, segundo Assaf Neto); em seguida vem o Bradesco, com 23,6%. Itaú Unibanco, com 21,5% (21,9%, segundo Assaf Neto), fica ligeiramente abaixo do Santander chileno, que teve retorno de 21,8% e foi na região o que mais se aproximou dos brasileiros.

Mas, Assaf Neto contrapõe que o elevado retorno do BB é "fruto principalmente da baixa participação do capital próprio". Segundo levantamento do Banco Central, o patrimônio líquido do Banco do Brasil era de R\$ 29,9 bilhões no fim de 2008, enquanto o do Bradesco era de R\$ 4,7 bilhões e o do Itaú Unibanco, R\$ 44,8 bilhões.

Em relação a 2007, o lucro líquido dos três bancos cresceu, em média, 28,6%. O destaque foi o crescimento no Banco do Brasil (74%) e a redução do lucro líquido do Bradesco (4,86%) em 2008. O retorno sobre ativos dos bancos no país é o dobro da média mundial de 1%, atingindo

1,97% na média dos três bancos, com 1,74% no Bradesco, 1,98% no BB e 2,21% no Itaú Unibanco.

O estudo do Instituto Assaf também avaliou a eficiência dos bancos. As instituições financeiras analisadas utilizaram, em média, 35,9% de suas receitas de intermediação financeira para cobrirem as despesas administrativas e de pessoal em 2008. O banco mais eficiente neste indicador gastou 28% das receitas, e o menos eficiente, o equivalente a 42,7% das receitas financeiras. A diferença de eficiência entre as duas instituições é grande, podendo-se prever a existência de espaço para os bancos ganharem maior margem operacional numa eventual redução do spread, avalia Assaf Neto.

Outra forma de se demonstrar a eficiência operacional de uma instituição é calcular quanto cada uma gastou por dia útil em que manteve suas agências funcionando. Em média, as instituições financeiras gastaram R\$ 81,6 milhões por dia útil de funcionamento em 2008.

Das receitas financeiras apropriadas em 2008, 13,8% dos recursos foram direcionados, em média, para cobrir devedores duvidosos. As despesas de pessoal e as despesas administrativas e operacionais consumiram 35,9% das receitas de intermediação dos bancos.

Os bancos apuraram em 2008 o equivalente a 20,5% de suas receitas de intermediação na cobrança de serviços e tarifas de seus clientes. As receitas de serviços e tarifas representam, em média, a 147,8% das despesas com pessoal.

As instituições obtiveram, em 2008, uma margem líquida 14,2%. Em outras palavras, do total das receitas de intermediação obtidas no exercício, restaram 14,2% na forma de lucro líquido, sendo o restante consumido pelos custos e despesas.

Do total da riqueza gerada pelos bancos no exercício de 2008, 34,6% foram destinados à remuneração de pessoal, 27,1% no pagamento de tributos, e 38,3% para remuneração dos acionistas (lucro líquido).

Veículo: Guia Financeiro

Data: 09/04/09

GUIAFINANCEIRO[®]

Mercado de debêntures procura aumentar nicho de atuação

Emissões começam a atingir pessoas físicas; Oi coloca títulos a partir de R\$ 1 mil

O investidor que pretende diversificar suas alternativas de investimento no longo prazo pode encontrar nas debêntures uma opção relativamente segura e, com os recentes lançamentos, até mesmo o investidor pessoa física pode aderir a essa possibilidade.

Basicamente, a debênture é um título de renda fixa que compete com papéis como CDB de banco, e é emitida exclusivamente por empresas com capital aberto em bolsa de valores, tendo como garantia o patrimônio do próprio emitente. “O título é uma opção atraente ao investidor por apresentar taxas de mercado um pouco superiores às do CDB”, diz Alexandre Assaf Neto, diretor do **Instituto Assaf**.

Uma das vantagens existentes na emissão de debêntures é justamente o conhecimento do emitente, que dá todo seu ativo como garantia de pagamento. “Faltam títulos de longo prazo no mercado. Este tipo de opção tem uma taxa boa ante outras alternativas, e o investidor também pode contar com a repactuação – se as taxas aumentarem no período de seis meses ou ano, é

feita uma renegociação. Caso o debenturista não queira mais participar da oferta, ele saca o dinheiro com juros e correção até aquela data”, pontua o executivo.

Porém, a grande maioria das emissões tem sido direcionada para o médio e grande investidor. Difícilmente pode-se comprar uma debênture com R\$ 5 mil. Na grande maioria dos casos, o lote mínimo aceito é de R\$ 100 mil, e às vezes só se aceitam valores acima de R\$ 1 milhão”. As poucas exceções vistas recentemente são a Oi e a Tractebel. No caso da operadora de telefonia, serão emitidas duas séries de papéis: uma com vencimento em 30 de maio de 2011 e que garantirá 115% do CDI (Certificado de Depósito Interbancário) como remuneração, e a outra com prazo até 2012 e pagamento de 120% do CDI aos investidores. Em ambos os casos, a aplicação mínima é de R\$ 1 mil. No caso da Tractebel, o valor mínimo para aplicar em debêntures é de R\$ 10 mil com remuneração de até 125% do CDI. O vencimento está programado para 1º de abril de 2011. Em ambos os casos, os valores arrecadados serão direcionados para o pagamento de dívidas.

Entre os principais fatores que levam à realização de poucas ofertas de debêntures para pessoas físicas, estão os custos operacionais necessários para tal operação, uma vez que o lançamento é realizado da mesma forma que uma oferta primária ou secundária de ações (veja mais no Box ao lado). “Para o emitente não compensa lançar poucas debêntures, é preciso vender bastante”.

Além disso, analistas acreditam que não existe a mesma vontade de se popularizar a negociação com debêntures quanto ocorre com o mercado de ações. “Aparentemente, a vontade de pulverizar para pessoa física não existe nem por parte dos bancos nem pelas empresas”, comenta Ricardo Almeida, professor da FIA (Fundação Instituto de Administração). “É um mercado de difícil entendimento, e as ações estão mais populares. Se houver muita pessoa física negociando debêntures, a emissão fica mais cara, e como as ações já possuem uma estrutura operacional montada, as companhias vão querer emitir. Não acredito que o quadro para pessoa física apresente melhora”.

Como funciona uma operação de debênture

Uma emissão de debêntures funciona praticamente da mesma forma que o lançamento de ações em bolsa. Depois que o conselho de administração da companhia ou os seus acionistas decidem emitir debêntures, é preciso estruturar as condições que vão nortear o negócio. Caso a operação seja uma oferta pública, será preciso contratar um agente fiduciário e um intermediário.

A partir daí, contrata-se um banco (múltiplo ou de investimentos) que será responsável pela coordenação da oferta, estruturando e montando todo o procedimento. Obrigatoriamente a empresa deve ter registro de companhia aberta na CVM (Comissão de Valores Mobiliários). O registro de emissão vai fornecer dados como características, volume, preços e forma que, junto com os dados que identificam a empresa de emissão, deve permitir que o investidor decida se participa ou não da oferta.

O banco coordenador da oferta também deve preparar toda a documentação necessária para o procedimento, formar os consórcios que serão responsáveis pela distribuição, fazer reuniões e providenciar a colocação dos títulos junto aos investidores. A instituição também deve apurar se as informações prestadas pela companhia emissora são fidedignas e suficientes para esclarecer os investidores.

Caso a operação seja privada (para os próprios acionistas ou investidores previamente contatados), a CVM não precisa aprovar o procedimento, embora a prestação de informações ainda seja necessária. Tanto a distribuição e administração do processo são de responsabilidade do próprio emissor.

“A vontade de lançar debêntures é premente, mas é comprometida pela oscilação das taxas de mercado”, comenta Alexandre Assaf Neto. “O prazo mínimo a seguir é de dois anos, e não temos cultura para emissões deste tipo. Para se tornar viável, seria preciso popularizar o

mercado secundário. O mercado chegou a ser criado – o chamado Bovespa Fix -, mas ainda não está dinamizado como poderia estar”.

Tatiane Correia

Veículo: Contabilidade Financeira

Data: 13/04/09

CONTABILIDADE FINANCEIRA

ESSE BLOG TRATA DE ASSUNTOS RELACIONADOS A CONTABILIDADE FINANCEIRA. SÃO POSTADOS NOTÍCIAS, PESQUISAS, ETC. TAMBÉM SERÃO POSTADOS NOTÍCIAS GERAIS INTERESSANTES. ATUALIZADO, SEMPRE QUE POSSÍVEL, DIARIAMENTE. PARA FAZER COMENTÁRIOS, CLIQUE NO TÍTULO DA POSTAGEM CORRESPONDENTE.

Bancos brasileiros

Especialista questiona "ascensão" de bancos brasileiros em ranking

Valor Econômico - 13/04/09

A crise global colocou os bancos brasileiros em destaque nos rankings internacionais de lucro, rentabilidade e valor de mercado. Mas, o professor Alexandre Assaf Neto, do **Instituto Assaf**, que faz análises financeiras e econômicas, alerta que os bancos brasileiros ganharam destaque por motivos equivocados.

O fato de serem pouco alavancados, por exemplo, elogiado por analistas em contraposição à política de assumir riscos exagerados dos bancos americanos, é consequência de uma distorção do mercado brasileiro, diz Assaf Neto. "Os bancos brasileiros parecem conservadores porque o juro alto lhes permite ganhar dinheiro aplicando em títulos públicos. Mas, é uma característica de banco ganhar com a alavancagem", afirmou.

Para ele, a política de juro elevado é fruto de um "período irregular" da economia; e os bancos não devem montar sua estratégia com base em uma situação de "desequilíbrio". "Distorções do mercado validaram políticas erradas. O que era nosso patinho feio virou mérito. Mas isso é fruto de um período irregular", acrescentou.

Estudo feito por Assaf Neto com base no balanço dos três maiores bancos brasileiros - Itaú Unibanco, Banco do Brasil e Bradesco - mostra baixa participação do crédito nos ativos totais, apesar do forte crescimento das carteiras em 2008.

O BB é o banco mais alavancado dos três, com ativos totais 16,4 vezes maiores do que o patrimônio líquido. No Bradesco, o índice é de 13,5 vezes; e no Itaú, de 9,9 vezes.

O crescimento médio do crédito nos três bancos foi de 27,9% em 2008. A maior carteira é a do BB, com R\$ 166,3 bilhões; Itaú Unibanco e Bradesco têm carteiras exatamente iguais, de R\$ 133,4 bilhões cada. Ainda assim, a carteira de crédito representou na média 34,4% dos ativos totais, oscilando de 30,4% no caso do Bradesco a 37,4% no do BB. Em outras palavras, para cada R\$ 100,00 investidos, R\$ 34,40 estão aplicados em crédito, "atividade básica do negócio". Para o professor, quando os juros caírem mais, os bancos terão que dar mais crédito para ter lucro.

Os bancos brasileiros também apresentaram elevada rentabilidade em relação ao patrimônio líquido. Em levantamento feito pela Economática, eles mostraram os maiores retornos entre instituições das Américas no balanço de 2008. O líder da região é o BB, com retorno sobre o patrimônio de 32,5% (32,4%, segundo Assaf Neto); em seguida vem o Bradesco, com 23,6%. Itaú Unibanco, com 21,5% (21,9%, segundo Assaf Neto), fica ligeiramente abaixo do Santander

chileno, que teve retorno de 21,8% e foi na região o que mais se aproximou dos brasileiros.

Mas, Assaf Neto contrapõe que o elevado retorno do BB é "fruto principalmente da baixa participação do capital próprio". Segundo levantamento do Banco Central, o patrimônio líquido do Banco do Brasil era de R\$ 29,9 bilhões no fim de 2008, enquanto o do Bradesco era de R\$ 4,7 bilhões e o do Itaú Unibanco, R\$ 44,8 bilhões.

Em relação a 2007, o lucro líquido dos três bancos cresceu, em média, 28,6%. O destaque foi o crescimento no Banco do Brasil (74%) e a redução do lucro líquido do Bradesco (4,86%) em 2008. O retorno sobre ativos dos bancos no país é o dobro da média mundial de 1%, atingindo 1,97% na média dos três bancos, com 1,74% no Bradesco, 1,98% no BB e 2,21% no Itaú Unibanco.

O estudo do Instituto Assaf também avaliou a eficiência dos bancos. As instituições financeiras analisadas utilizaram, em média, 35,9% de suas receitas de intermediação financeira para cobrir as despesas administrativas e de pessoal em 2008. O banco mais eficiente neste indicador gastou 28% das receitas, e o menos eficiente, o equivalente a 42,7% das receitas financeiras. A diferença de eficiência entre as duas instituições é grande, podendo-se prever a existência de espaço para os bancos ganharem maior margem operacional numa eventual redução do spread, avalia Assaf Neto.

Outra forma de se demonstrar a eficiência operacional de uma instituição é calcular quanto cada uma gastou por dia útil em que manteve suas agências funcionando. Em média, as instituições financeiras gastaram R\$ 81,6 milhões por dia útil de funcionamento em 2008.

Das receitas financeiras apropriadas em 2008, 13,8% dos recursos foram direcionados, em média, para cobrir devedores duvidosos. As despesas de pessoal e as despesas administrativas e operacionais consumiram 35,9% das receitas de intermediação dos bancos.

Os bancos apuraram em 2008 o equivalente a 20,5% de suas receitas de intermediação na cobrança de serviços e tarifas de seus clientes. As receitas de serviços e tarifas representam, em média, a 147,8% das despesas com pessoal.

As instituições obtiveram, em 2008, uma margem líquida 14,2%. Em outras palavras, do total das receitas de intermediação obtidas no exercício, restaram 14,2% na forma de lucro líquido, sendo o restante consumido pelos custos e despesas.

Do total da riqueza gerada pelos bancos no exercício de 2008, 34,6% foram destinados à remuneração de pessoal, 27,1% no pagamento de tributos, e 38,3% para remuneração dos acionistas (lucro líquido).



Digital Assessoria
Comunicação Integrada